

O gaúcho que virou brasileiro: Getúlio Vargas chega ao poder!

OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM

- Perceber as mudanças socioculturais ocorridas no Brasil a partir de 1930.
- Refletir sobre a noção de sociedade de massas e sobre o uso dos meios de comunicação pelo Estado.

DESAFIO DA UNIDADE

- Procure, na internet, imagens que destaquem a relação de Vargas com as massas e a constituição da ideia do grande líder que conduz a sociedade.

ROTEIRO DE ESTUDO

- **Seção 1:** Introdução
- **Seção 2:** A busca de um novo Brasil: a década de 1920
- **Seção 3:** A conjuntura 1929-1930
- **Seção 4:** Afinal, 1930 teria sido uma revolução?

UNIDADE II

Para início de conversa

Nesta unidade você saberá como Getúlio Vargas chegou ao poder por meio de um movimento nacional e se transformou numa figura central da história republicana brasileira.

SEÇÃO 1

Introdução

“Sou meramente uma expressão temporária de uma vontade coletiva”. Essas palavras ditas por Getúlio Vargas no seu discurso de posse como presidente provisório do Brasil, em 03 de novembro de 1930, mostraram-se totalmente equivocadas, pois o que era para ser um governo de transição acabou se tornando o mais longo período em que um presidente, ininterruptamente, esteve à frente do Executivo nacional.

Mais do que a questão temporal propriamente, a passagem de Getúlio Vargas pela presidência da República significou uma mudança estrutural não só do Estado brasileiro, mas de toda a sociedade, cultura e capacidade produtiva nacionais, tornando Vargas “o brasileiro mais influente do século XX”, conforme escreveu o brasilianista Robert Levine.

Se, por um lado, não seria correto afirmar que Vargas significou uma integral ruptura com o Brasil tradicional, por outro, cabe-nos reconhecer que foi ele quem lançou as bases do país industrializado e urbanizado que conhecemos hoje:

Vargas sempre pareceu ter uma habilidade especial para estar no lugar certo na hora certa. Sua carreira teve início exatamente no momento em que a poderosa máquina estatal construída por ele passou a necessitar de sangue novo. Entrou na política nacional quando o velho regime se desintegrava de dentro para fora, e quando as elites dissidentes das regiões remotas do país procuravam aliados entre seus pares no meio urbano e militar... Na realidade, podemos dizer que o Brasil nasceu em 1930 e atingiu a maturidade em 24 de agosto de 1954. Nessa data, às primeiras horas da manhã, Vargas se matou com um tiro enquanto esperava no palácio presidencial que seus generais o tirassem do governo.¹⁷

Tão necessário quanto compreender a importância de Getúlio Vargas para a história recente do Brasil, é saber como ele chegou ao poder em 1930. Para tanto, é preciso considerar uma questão conjuntural dos primeiros anos 20 e também as tensões que envolveram as eleições e o processo revolucionário de 1930. É na soma desse conjunto de acontecimentos que você entenderá o que foi a chamada Era Vargas e a sua relevância histórica.

¹⁷ LEVINE, R. M. *Pai dos Pobres? O Brasil e a Era Vargas*. São Paulo: Cia. das Letras, 2001, pp. 14-15.

A busca de um novo Brasil: a década de 1920

Em “Orfeu Extático na Metrópole”, Nicolau Sevcenko afirma que, para a população da cidade de São Paulo, o ano de 1919 chegou acompanhado de uma “turbulência instintiva”, que tomou conta de todos os paulistanos:

... por toda parte, se falava da felicidade especial de um ano que anunciava o fim dos três flagelos que atingiram a cidade, submetendo-a a aflições terríveis em 1918, os chamados “três Gês”: a Gripe (espanhola), a Geada e os Gafanhotos. Outras versões ampliadas denunciavam entre calafrios os “cinco Gês”, acrescentando àqueles também a Guerra (Primeira Guerra Mundial) e as greves (as grandes greves de 1917 e 1919).¹⁸

É possível afirmar que, para todo o Brasil, a década de 1910 acabou envolta em um clima de agitação coletiva, prenunciando o que viria a se constituir na tônica do decênio seguinte.

Perceba: os anos 20 significaram, no Brasil, um período especial no que respeita à busca pela configuração de uma nova identidade nacional, assentada na ideia da “brasilidade”. Foi um período de circulação de novas ideias e de ampliação do modo de pensar o país. Para diversos segmentos da sociedade brasileira, aquele foi um momento de ruptura com a dependência cultural e estética europeia, até então dominante no país, conforme registram Micael Herschmann e Carlos Alberto Pereira:

Período de fortes tonalidades nacionalistas ... estes anos enfatizaram a necessidade de construção de um “olhar” capaz de visualizar o país enquanto algo radicalmente distinto do Velho Mundo, dotado de uma especificidade que tomava a “mestiçagem” como um de seus principais referenciais e cujo poder de sedução se revelava bastante grande.¹⁹

Emblemático na década de 1920, o ano de 1922 resumiu o sentimento de mudança contido em diferentes grupos que compunham a sociedade brasileira e que acabaram por se manifestar naquele ano. Foi em 1922 que artistas e intelectuais promoveram a Semana de Arte Moderna, que jovens militares insatisfeitos com a corrupção na política iniciaram vários levantes com o objetivo de tomar o poder pela via revolucionária (o chamado movimento tenentista), que um grupo de operários fundou o Partido Comunista Brasileiro, que católicos conservadores que defendiam uma maior presença do catolicismo na sociedade brasileira fundaram o Centro Dom Vital e que as mulheres, por meio de manifestações e artigos publicados em jornais e revistas, explicitaram sua insatisfação com relação ao papel feminino na sociedade brasileira, então restrito ao ambiente doméstico e à condição de mãe dedicada e de esposa resignada.

É importante que você note que, apesar de defenderem causas próprias (e até antagônicas entre si), tais movimentos e manifestações expressaram, em seu conjunto,

¹⁸ SEVCENKO, N. Orfeu Extático na Metrópole. São Paulo sociedade e cultura nos frementes anos 20. São Paulo: Cia. das Letras, 1992, p. 24.

¹⁹ HERSCHMANN, M. & PEREIRA, C. A. M.. A invenção do Brasil Moderno. Medicina, educação e engenharia nos anos 20 – 30. Rio de Janeiro: Rocco, 1994, p. 29.

a insatisfação social com relação à República Velha. Ao longo da década de 1920 a efervescência social só fez aumentar. A resposta dada pelo Estado foi sempre a mesma: o uso sistemático da violência! A ausência de um diálogo entre os representantes da ordem republicana e os diversos movimentos originários da sociedade que eclodiram nos anos 20 acabou desembocando em uma guerra civil que teve início após a morte de João Pessoa, em 1930.

SEÇÃO 3

A conjuntura 1929-1930

Você já ouviu falar em Darcy Ribeiro? Ele foi um dos intelectuais brasileiros mais respeitados do século XX. Esse antropólogo mineiro legou às gerações atuais um inestimável conjunto de obras que tiveram sempre o Brasil e o seu povo como objetivo de investigação. Em um de seus livros mais conhecidos – “Aos trancos e barrancos” – Ribeiro assim sintetiza o ano de 1929:

Os ricos se inquietam muito com a superprodução de café e mais ainda com o início da crise mundial. A produção alcança vinte e um milhões de sacas para uma exportação de quatorze milhões. Multiplicam-se aos milhões os desempregados no campo e na cidade com a falência de fazendeiros, exportadores e bancos. Toda a cafeicultura entra em crise, iniciando uma imensa substituição de riquezas e mandos dentro do patronato paulista e mineiro. Afundam-se, assim, as bases da República Velha.²⁰

Você tem ideia o que significou para mundo o ano de 1929? Acertou quem disse: foi o ano da maior crise já vivida pelo capitalismo até os dias de hoje! Em 1929 os Estados Unidos, já a principal potência capitalista mundial, foram sacudidos por uma quebra generalizada que atingiu desde os pequenos investidores até os grandes conglomerados financeiros e industriais do país. Contraditoriamente, ao funcionar a pleno vapor na década de 1920, a economia norte-americana acabou gerando uma crise de superprodução, ou seja, a capacidade de consumo da sociedade foi menor que a oferta de produtos disponíveis, o que provocou uma forte reação no mercado com a desvalorização dos produtos, inflação, aumento do custo de vida e, por fim, altas taxas de desemprego.

Ao quebrar, a economia norte-americana levou consigo para o fundo do poço os demais países que integravam o mercado capitalista internacional, potencializando a crise e gerando uma situação de desespero nos mercados e bolsas de valores espalhadas ao redor do globo.

E o Brasil, como reagiu a essa situação? País de economia primária e que dependia fundamentalmente da venda internacional do café para manter o seu equilíbrio econômico, a crise teve forte impacto. Por aqui, na medida em que os mercados europeus e norte-americanos se fecharam para a compra do produto brasileiro, o

²⁰ RIBEIRO, D. Aos trancos e barrancos. Como o Brasil deu no que deu. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara, 1985, p. 74.

país mergulhou numa crise de fortes proporções. Não só os cafeicultores, mas outros produtores agrícolas, os industriais, comerciantes e até mesmo os trabalhadores sofreram com a crise.

Os jornais brasileiros do período e a nascente indústria fonográfica nacional também registraram os efeitos da crise em nosso país. Veja, por exemplo, o que diz a moda de viola “Situação Encrencada”, composta por Cornélio Pires e gravada em 1930:

Tomara que chega logo
 O tempo da inleição
 Prá ver se assim acaba
 Esse grande baruião...
 Já tem muita gente pobre
 Que até fome tá passando... aiii
 Que até fome tá passando!

Já quebrou uns fazendeiro
 Assim é que o governo qué
 Tamo todos sem carreira
 Com a baixa do café

Acabou o movimento
 Até lá prá noroeste
 O povo todo tão gritando:
 A culpa é do Julio Preste.... aiii
 A culpa é do Julio Preste...

Quase todo fazendeiro
 Andava de Chevrolet,
 Já tão andando a cavalo
 Com a baixa do café...

Aqueles grande banqueiro
 Cheio da libra esterlina
 Encostou o carro de um lado
 Por farta da gasolina... aiii
 Por farta da gasolina!

Valei-me Nossa Senhora
 Tem dó desse pessoar
 Se o café não defender
 O povo vai passar mar...

Fazendeiro todos pronto
 Não é farta de vontade
 Colono trabaia um mês
 Recebe só prá metade... aiii
 Recebe só prá metade!

Mais depois da inleição,
 Nós podemo ser feliz
 Dexar o Getúlio Varga
 No lugar do Washton Luís...
 Por todo lado que eu ando
 Os voto são tudo iguar...
 Pelo jeito que se fala..
 Todo mundo é “liberar”... aiii
 Todo mundo é “liberar”!

Tudo bem, concordo com você! Apesar de engraçada e de conter uma crítica à situação econômica e política nacional, a letra de Cornélio Pires é ingênua e não se compara às requintadas letras de um Chico Buarque, ao engajamento das músicas de Geraldo Vandré nos anos 60 e, tampouco, às canções ácidas do rock brasileiro dos anos 80, produzidas durante a fase final da ditadura militar. Mesmo assim, essa música pode ser considerada uma das precursoras desse gênero no Brasil. Além de apontar os problemas decorrentes da crise econômica, a letra também indica qual era o quadro político nacional naquele final de década.

Veja: apesar de sua ingenuidade e de seu jeito simples de tratar de um assunto bastante complexo, a letra escrita pelo cantor e compositor Cornélio Pires, um dos primeiros astros da mídia brasileira, nos ajuda a entender o que se passava na economia brasileira de então – pessoas empobrecendo pela baixa no preço do café, fazendeiros e banqueiros com dificuldades financeiras, trabalhadores sem receber salários! Ao mesmo tempo, a música nos dá algumas pistas sobre a situação política nacional: o presidente Washington Luis, legítimo representante das oligarquias cafeeiras, era apontado como um dos responsáveis pela crise no país, e Getúlio Vargas, representante da Aliança Liberal (uma conjugação de forças políticas que apoiava o candidato gaúcho na eleição presidencial daquele ano) era visto como aposta para colocar o Brasil nos trilhos.

Aliás, você sabia que durante a República Velha foram poucas as vezes que ocorreu efetivamente uma disputa para o cargo de presidente da República? Por conta do controle dos chefes políticos locais, geralmente havia um grande consenso nacional em torno de um nome único que representava os interesses das oligarquias que controlavam politicamente o país. Essa era a ponta da estrutura do coronelismo que vigorou, durante décadas, no Brasil. Além disso, nesse período da história republicana brasileira, as fraudes foram constantes, garantindo a perpetuação dos mesmos grupos no poder durante décadas.

Rodolfo Tellarolli, historiador que produziu um importante estudo sobre as eleições na República Velha, nos ajuda a entender que, do ponto de vista formal, há uma aparente democracia, uma vez que, entre 1894 e 1930, a cada quatro anos ocorreram eleições presidenciais no Brasil. Porém basta ultrapassarmos um pouco do nível da observação superficial para percebermos que tudo não passava de uma grande encenação. De acordo com Tellarolli, as restrições começavam na definição do chamado “voto universal”, que mais excluía do que incluía eleitores, uma vez que mendigos, analfabetos, mulheres, religiosos e soldados estavam proibidos de votar. Além disso, como não existia uma justiça eleitoral, nos moldes que conhecemos nos dias de hoje, o alistamento de eleitores, a votação e a apuração dos votos eram processos altamente viciados, como afirma Tellarolli:

Na prática o alistamento era feito em mesas compostas por elementos nomeados pelo poder municipal. As mesas engrossavam o contingente de eleitores através de documentos de pessoas já falecidas, falsos comprovantes de idade etc., além de bloquear o alistamento de eleitores adversários, levando inexoravelmente a manutenção dos chefes políticos locais no poder. Os títulos eleitorais ficavam nas mãos dos chefes políticos locais e só eram entregues aos eleitores nos “currais” pouco antes do momento do voto... Compostas por 5 pessoas ligadas aos detentores do poder local, as mesas (de votação) manipulavam os resultados das eleições. Dificultavam a ação de fiscais da oposição e facilitavam a ação de correligionários (votos de defuntos, identidades falsas, etc.). Também competia à mesa apurar votos e lavrar atas. Destaca-se nesse momento o “bico de pena”, ou seja, os resultados eram forjados ao ponto de ter eleições sem eleitores... As cédulas podiam ser impressas, manuscritas, publicadas em jornais, etc. Era comum a entrega de cédulas

prontas aos eleitores reunidos nos “currais” nas vésperas das eleições... Por medida de segurança a apuração era feita publicamente pelos próprios mesários. Inevitavelmente essa etapa se configurou numa das principais oportunidades de manipulação dos resultados. As cédulas geralmente eram queimadas logo que terminada a contagem e os resultados lidos em voz alta. Somente os mesários manipulavam as cédulas... Muitas vezes as atas eram preenchidas (com resultados finais) no dia anterior a eleição.²¹

A candidatura de Getúlio Vargas, em 1930, pode ser compreendida como uma espécie de “negócio de ocasião”, uma vez que – política e socialmente – Vargas estava atrelado à oligarquia do Rio Grande do Sul que controlou aquele estado durante toda a República Velha e já havia exercido cargos de destaque nesse período (fora ministro de Washington Luis entre 1926 e 1928 e presidente²² gaúcho entre 1928 e 1930). A escolha de Julio Prestes (então presidente de São Paulo) para ser presidente do Brasil, em 1930, desagradou parte das oligarquias espalhadas pelo país, que não concordavam com a manutenção de um paulista no poder central por considerar que a política em defesa do café, em um período de intensa crise econômica, tendia a prejudicar ainda mais os estados mais pobres e afastados do centro de poder.

Foi assim que nasceu a Aliança Liberal, uma conjugação de forças políticas que reuniu as oligarquias dissidentes com outros setores sociais descontentes com o modelo político da República Velha, entre os quais estavam setores médios urbanos, militares, intelectuais e, em menor número, representantes dos grupos operários mais organizados.

Desta forma, mesmo com algumas ressalvas, é possível dizer que pela primeira vez na República brasileira tivemos duas candidaturas que efetivamente concorreram à presidência.

Boris Fausto, um dos principais referenciais da historiografia brasileira quando o tema é a conjuntura de 1930 no Brasil, publicou um belo artigo no jornal Folha de São Paulo em 23 de agosto de 1998. Veja os principais trechos desse texto assinado por Fausto:

Uma distância separa a eleição de 1º de março de 1930 – a última da primeira república, em que Júlio Prestes enfrentou Getúlio Vargas – das que ocorrem nos dias de hoje. Estávamos ainda longe da constituição da atual democracia de massas... Em 1930, foram às urnas 1,9 milhões de eleitores, correspondendo a 5,7% da população. Além disso, o voto era facultativo, aberto, a fraude eleitoral constituía prática comum tanto do governo quanto da oposição, não havia padronização das cédulas e a simples menção a urnas eletrônicas nos transportaria para o terreno da “science fiction”...

Comparada com outras eleições presidenciais da chamada República Velha, a de 1930 teve marcas distintas; entre outras coisas, pelo grau de interesse que despertou e pelo número de eleitores que compareceram às urnas. Esse número foi o maior de toda a história do primeiro período republicano, vindo a seguir a eleição de março de 1922 que assinalou a vitória de Artur Bernardes sobre Nilo Peçanha, quando votaram 800 mil eleitores...

²¹ TELLAROLLI, R. Eleições e fraudes eleitorais na República Velha. São Paulo: Brasiliense. Coleção Tudo é História, 1983, pp. 32-36.

²² Durante a República Velha foi utilizada a denominação de presidente para o cargo de governador de estado.

Não obstante a ampla utilização da política de clientela pelos dois lados, a campanha da Aliança Liberal introduziu algo de novo, não só pelo conteúdo do seu programa, como pela disposição mobilizadora. O programa propunha a luta pelo que chamava de verdade eleitoral, como a introdução do voto secreto e a designação de magistrados para compor as mesas eleitorais; reivindicava a defesa dos interesses dos produtores agrícolas em geral e não apenas dos vinculados ao café; acenava com uma legislação social abrangente e, agradando aos tenentes, levantava a bandeira da anistia.

A disposição mobilizadora tinha a ver com a existência, nas grandes cidades, de um público inquieto, decepcionado com os rumos do país, que começava a ser atingido pelos efeitos da crise mundial, aberta em outubro de 1929. Getúlio, entretanto, não apostava em um triunfo eleitoral e nem se entusiasmava com os contatos que seus amigos políticos faziam com líderes tenentistas, dispostos a uma ação armada...

Em 02 de janeiro de 1930, com voz pausada, em tom discursivo, leu na Esplanada do Castelo, o programa da frente de oposição perante uma multidão entusiástica. Depois seguiu para São Paulo, onde ocorreu um episódio premonitório, narrado por Paulo Nogueira Filho, em “Idéias e Lutas de um Burguês Progressista”. Em meio a gente de classe média que se aglomerava na Praça da Sé, à espera do comício, irromperam trabalhadores provenientes dos bairros do Brás e da Mooca, ritmando uma palavra de ordem: “Nós queremos Getúlio”...

Por fim, as máquinas majoritárias falaram mais alto. Júlio Prestes obteve cerca de 1,1 milhão de votos contra 737 mil conferidos a Getúlio Vargas, segundo os dados existentes. A fraude correu solta em ambos os lados, bastando lembrar que Getúlio teria triunfado no Rio Grande do Sul por 298 mil votos contra 982.

Como ninguém ignora, Júlio Prestes ganhou, mas não levou. Os revolucionários de 1930 impediram sua posse, e Getúlio foi entronizado no poder, em meio ao entusiasmo dos vencedores e amargura dos vencidos...

Se era certo que o candidato paulista jamais viria a ser empossado, seria muito arriscado prever, naquele fim de ano de 1930, que Getúlio ficaria no poder durante quinze anos, convertendo-se, como reconhecem tanto seus admiradores quanto seus inimigos, em uma figura central da história brasileira contemporânea.

Como você já deve ter notado, o ano de 1930 foi, portanto, bastante agitado para o Brasil. Após a campanha presidencial intensa realizada nos primeiros meses do ano, em 1º de março foram realizadas as eleições que deram a vitória ao candidato Julio Prestes. O resultado provocou indignação entre os grupos que faziam parte da Aliança Liberal (sobretudo entre os militares oriundos do tenentismo), e o uso de armas passou a ser discutido como alternativa para impedir a posse de Prestes.

Porém, para que tivesse sucesso, um movimento de revolta precisava contar com a adesão de grande parcela da população. A pergunta que os defensores da via armada faziam era exatamente como atrair as massas para esse movimento. A resposta viria em julho daquele mesmo ano.

Quando se formou a Aliança Liberal, nos fins de 1929, o presidente da Paraíba João Pessoa, outro membro oriundo das oligarquias, foi escolhido para concorrer a vice-presidente de Getúlio Vargas.

Passadas as eleições de 1930, João Pessoa retornou ao governo paraibano e acabou enfrentando uma revolta promovida por membros da oligarquia paraibana que apoiaram Julio Prestes e que pediam a destituição de Pessoa do cargo de presidente daquele estado – a revolta da Princesa. Para sufocar esse movimento, João Pessoa agiu de forma enérgica, ordenando a prisão de pessoas da elite paraibana. Em uma dessas ações, a polícia invadiu a casa de João Dantas (aliado político de José Pereira, o principal opositor de Pessoa), encontrando cartas trocadas entre este e a sua amante, a professora e poetisa Anaíde Beiriz, figura conhecida na Paraíba por seu engajamento no movimento feminista, algo imperdoável para a machista sociedade nordestina. A divulgação das cartas pelo jornal “A União” provocou grande escândalo na conservadora sociedade paraibana e levou João Dantas a assassinar João Pessoa poucos dias depois da publicação das cartas.

Esse episódio, de dimensões regionais, acabou servindo como estopim para a ocorrência de um levante armado contra a República Velha. João Pessoa foi convertido em “mártir”, e a sua morte tornou-se o ponto de partida para o movimento que levaria Vargas ao poder no final de 1930.

O jornalista Barbosa Lima Sobrinho, figura respeitada por suas posturas éticas e por seu engajamento pela democracia, e que testemunhou os acontecimentos de 1930, escreveu um artigo que narra a morte de João Pessoa e os efeitos políticos e sociais desse acontecimento:

O assassinato de João Pessoa

Desde o Recife, as manifestações provocadas pela morte de João Pessoa em 26 de julho de 1930 tomaram feição fantástica de luta, de revolta, de pesar. E seria apenas o início de uma série de demonstrações como o Brasil dificilmente verá iguais.

Na Paraíba, ao ter notícia do crime, a multidão ia para as ruas, expandindo-se em depredações contra os adversários. Perto de duzentos presos saíam da cadeia pública, e reunindo-se à turba enfurecida, caíam sobre as propriedades dos inimigos políticos, para destruí-las, para reduzi-las a cinzas. De toda a parte, ouviam-se tiros, deflagração de bombas de dinamite. As labaredas dos incêndios ateados pelo povo dentro em pouco subiam na treva da noite, como se outra pira não parecesse digno do morto que todos choravam. O governo nada podia fazer. A maior parte da polícia estava no sertão, na luta contra José Pereira; o exército não saía dos quartéis, para não irritar ainda mais, as expansões dessa noite trágica. Os próprios bombeiros não acudiam aos incêndios, pois que a multidão lhes entregara os aparelhos no desejo de evitar que pudessem atalhar a obra vingadora das chamas.

Imaginemos uma cidade, em que todos os habitantes houvessem perdido, no mesmo dia e na mesma hora, o parente mais querido e mais amigo. Reunamos todas essas almas angustiadas numa procissão colossal. Os oradores trocam as palavras por soluços, que se comunicam aos ouvintes e juntam-se no soluço enorme de toda a cidade; os músicos não conseguem tirar dos pulmões o sopro necessário aos instrumentos, tanto é a comoção que lhes aperta a garganta.

Quando o navio desamarrou de Cabedelo, trazendo para o Rio o corpo do Presidente assassinado, a multidão imensa, acumulada no cais, alucinada pela dor de quem sente partir-se o coração, exclamava, numa voz que o desespero tornava soturna: - Adeus, Adeus, Adeus, João Pessoa!

Daí por diante, de Cabedelo ao Rio, as manifestações repetem-se, num tom pouco menos dramático do que na Paraíba ou no Recife. Na Capital da República, sob os olhos do governo do país, o cortejo que se formou foi um dos maiores que já desfilaram em tais circunstâncias. Nenhuma caravana política de tantas que percorreram o Brasil na propaganda das candidaturas aliancistas, pôde fazer pela causa o que esse cortejo fúnebre vai conseguindo.

Na Câmara dos Deputados, abrindo o debate a propósito do assassinato de João Pessoa, o líder gaúcho, sr. Lindolfo Collor, no termo de um libelo contra o sr. Washington Luiz, fazia vibrar no recinto uma imprecisão acusadora: “Caim, que fizeste de ter irmão? Presidente da República, que fizeste do Presidente da Paraíba?”

SEÇÃO 4

Afinal, 1930 teria sido uma revolução?

A morte de João Pessoa “caiu como uma luva” para os setores mais radicais da Aliança Liberal. A via armada como forma de tomar o poder ganhou força com o episódio ocorrido no Recife até que, em 03 de outubro de 1930, tropas militares sediadas no Rio Grande do Sul rebelaram-se contra o governo de Washington Luís dando início ao movimento que levaria Getúlio Vargas ao poder.

Vargas, visceralmente ligado às oligarquias e bastante reticente com relação à ideia revolucionária, não teve outra opção a não ser assumir a liderança do movimento como forma de controlá-lo e direcioná-lo.

Nos dias seguintes ao início do levante, foram registradas diversas batalhas em vários pontos do território brasileiro. O centro da resistência legalista localizou-se em São Paulo, estado que defendeu a manutenção da ordem vigente e a posse de Julio Prestes. O episódio conhecido como Batalha de Itararé (luta entre legalistas e revolucionários na fronteira entre São Paulo e Paraná) sintetiza aquele momento de instabilidade política e social vivida no Brasil. Após mais de 20 dias de conflito, as tropas legalistas sediadas em Itararé renderam-se. Estava aberto o caminho para que Vargas chegasse ao Rio de Janeiro e tomasse o poder.

A cidade de Ponta Grossa, principal entroncamento ferroviário do sul do país até meados do século passado, teve papel preponderante nos destinos dos acontecimentos de outubro de 1930. Além da adesão dos militares sediados na

cidade à causa aliancista, Getúlio Vargas fixou seu Quartel General em Ponta Grossa por cerca de duas semanas, até que fosse rompido o cerco de Itararé. A historiadora ponta-grossense Aída Mansani Lavalle assim registrou tais acontecimentos:

O movimento comandado por Getúlio Vargas, que colocou um fim ao sistema republicano dos coronéis, chegou à cidade aos poucos, pela mesma via dos anteriores, de 1893 e 1924: pela ferrovia. Primeiro passaram, em direção à fronteira de São Paulo, várias composições de revolucionários vindos do Rio Grande do Sul. Os comandos revolucionários do Sul e Getúlio Vargas não apenas passaram por aqui, mas escolheram a cidade como ponto de espera do resultado do movimento para depor o presidente Washington Luis, em fins de mandato, e impedir a posse do Presidente eleito Julio Prestes.

Através de inúmeros depoimentos, é possível ir além dos registros políticos da permanência de Getúlio Vargas em Ponta Grossa. Devido ao eficiente sistema de comunicação telegráfica da Ferrovia, Getúlio instalou seu quartel-general na Estação da São Paulo – Rio Grande, que tornou-se um centro de atração para autoridades, políticos e o povo em geral. Com a notícia de que uma nova composição com militares ia chegar, a Estação ficava repleta de gente, como se vê nas fotografias da época. A chegada de Getúlio Vargas foi um acontecimento vibrante, com escolares, jovens da sociedade local com trajes de festa, e o povo.

O Diário de Getúlio Vargas ... traz à luz as lembranças que sua estada em Ponta Grossa lhe deixou. Permaneceu hospedado em um vagão, no pátio da ferrovia, desde o dia 17 de outubro até o dia 27; parte de seus oficiais ficaram hospedados no Clube Pontagrossense. Das pessoas que conheceu na cidade, só cita nominalmente o Prefeito Jorge Becher e o Coronel Vítor Batista.

Sua movimentação política, intensa, não impediu que participasse da vida social da cidade. Foi ao cinema, com a família do Prefeito e, quando estava dançando numa festa em sua homenagem, no dia 26 de outubro, recebeu a notícia de que deveria seguir ao Rio de Janeiro, para assumir seu cargo de Presidente. Nunca terminou a dança, e para a cidade só retornou na década de 1940, em rápida visita, e depois em campanha para a presidência, em 1950.

(Trecho extraído da obra: “Germânia-Guaíra: Um século de sociedade na memória de Ponta Grossa”, de Aída Mansani Lavalle. Ponta Grossa: Centro de Publicações, 1996, pp. 113-115.)

A historiografia diverge com relação ao movimento que levou Getúlio ao poder em 1930. Desde o “O Sentido do Tenentismo”, originalmente publicado em 1932, escrito por Virgílio de Santa Rosa, inúmeros autores (como Graciliano Ramos e Hélio Jaguaribe) escreveram sobre o episódio de 1930, mais divergindo do que convergindo para uma interpretação única a respeito do ocorrido. Depois vieram ainda trabalhos de outros intelectuais importantes como Nelson Werneck Sodré, Ítalo Tronca, Francisco Weffort, Alcir Lenharo e Carlos Alberto Vesentini.

Porém um dos principais debates a respeito dessa questão foi travado entre as décadas de 1970 e 1980 e envolve dois pesos pesados da historiografia brasileira – Boris Fausto e Edgar de Decca.

Fausto, em seu clássico “A Revolução de 1930: Historiografia e História”, publicado em 1970, entende o movimento dentro de uma perspectiva de revolução que marca o fim da República Velha e quebra o monopólio que as oligarquias agrárias, até então, exerciam no Brasil. Para o autor, o “vazio de poder” que se forma após

a queda de Washington Luis dá condições para que Vargas ascenda à condição de representante das diversas classes que colaboraram no processo revolucionário e de transformar o Estado no grande agente propulsor das mudanças estruturais que a sociedade ansiava:

A Revolução de 1930 põe fim à hegemonia da burguesia do café, desenlace inscrito na própria forma de inserção do Brasil no sistema capitalista internacional. Sem ser um produto mecânico da dependência externa, o episódio revolucionário expressa a necessidade de reajustar a estrutura do país, cujo funcionamento, voltado essencialmente para um único gênero de exportação, se torna cada vez mais precário...

O agravamento das tensões no curso da década de vinte, as peripécias eleitorais das eleições de 1930, a crise econômica propiciam a criação de uma frente difusa, em março/outubro de 1930, que traduz a ambigüidade da resposta à dominação da classe hegemônica: em equilíbrio instável, contando com o apoio das classes médias de todos os centros urbanos, reúnem-se o setor militar, agora ampliado com alguns quadros superiores, e as classes dominantes regionais.

Vitoriosa a revolução, abre-se uma espécie de vazio de poder por força do colapso político da burguesia do café e da incapacidade das demais frações de classe para assumi-lo, em caráter exclusivo. O Estado de compromisso é a resposta para esta situação.²³

Já Edgar de Decca discorda dessa percepção sobre 1930. Em seu livro “O Silêncio dos Vencidos”, de 1983, o historiador afirma que a interpretação cristalizada por Fausto nada mais é do que a construção da memória dos vencedores de 1930. Nessa obra, de Decca afirma que o que ocorreu em 1930 foi, na verdade, uma contrarrevolução a um processo revolucionário que havia se iniciado em 1928 com a criação do Bloco Operário e Camponês (BOC), núcleo de ação organizado pelo Partido Comunista em São Paulo. Desta forma, de Decca discorda da noção de “vazio de poder” defendida por Fausto e compreende que 1930 foi o momento em que uma burguesia brasileira efetivamente chegou ao poder, sendo Vargas um representante dos interesses dessa classe específica.

Ao contrário de uma historiografia que o precedeu, Edgard de Decca acredita que ao final da década de 1920 era possível perceber uma forte efervescência política nos meios operários paulistanos e que a ideia de tomada do poder pela via revolucionária estava disseminada entre esses trabalhadores, sendo que, em 1928, vários projetos revolucionários circularam nos meios operários e reforçaram nestes a ideia da luta de classes e da revolução.

Conclui que a “revolução” foi, na verdade, um aperfeiçoamento do aparelho repressor contra os trabalhadores e sua veia revolucionária. Para de Decca, a ideia de progresso (disseminada nos discursos da época) foi utilizada como forma de eliminar a luta de classes e favorecer a reforma social que seria posta em vigor com Vargas.

Indiferentemente se revolução, vazio de poder, contrarrevolução, representante das massas ou da burguesia, o fato é que Vargas assumiu a presidência da República e se manteve no cargo por longos anos, mudando a feição nacional e inaugurando uma nova forma de fazer política no país, conforme descreveu o brasilianista Robert Levine:

O carro-salão de 47 anos em que Vargas viajara chegou à estação central do Rio de Janeiro em 31 de outubro, e, quatro dias depois, ele tomou posse como presidente provisório. O trem percorrera lentamente o caminho desde o Rio Grande, acompanhado de uma chuva quase contínua. Vargas parou muitas vezes para fazer discursos e participar de comícios em meio à lama. Ele governava do seu carro-salão. “Todas as providências tomadas”, escreveu no diário que iniciara em 3 de outubro, “todas as ligações feitas”...

²³ FAUSTO, B. A Revolução de 1930: Historiografia e História. São Paulo: Brasiliense, 1982, pp. 112-113.

Enquanto os generais aprontavam as tropas para derrubar o governo, Getúlio jantou com a família, jogou o pingue-pongue habitual com a mulher e tirou um cochilo...

No dia em que Vargas chegou à capital federal, soldados gaúchos a cavalo foram fotografados no prédio do Senado – uma imagem calculada para mostrar o fim da velha ordem. Pessoalmente, porém, Vargas despreendeu-se de seus laços gaúchos. Como seu filho Manuel Antônio observou anos depois: “Ele saiu daqui (do Rio Grande do Sul) um gaúcho e chegou (ao Rio de Janeiro) um brasileiro”.²⁴



Síntese

Nesta unidade nos preocupamos em analisar o processo de crise da República Velha e a ascensão de Getúlio Vargas ao poder.

Quisemos levar até você o contexto da década de 1920 e esperamos que tenha percebido as especificidades desse decênio, marcado – no Brasil – por uma forte efervescência social e cultural e pela crise do modelo político da República Velha.

Como você deve ter notado, Getúlio Vargas emergiu em meio às demandas de uma sociedade convulsionada e descontente com os rumos da velha política do café com leite.

Por fim, nos detivemos na discussão historiográfica sobre 1930 e a noção de revolução. O importante é que você tenha compreendido que esse foi um episódio central na história contemporânea do Brasil.



Atividades

1) Faça uma busca na internet e reúna um conjunto de imagens (fotos, charges, publicidades) que mostrem Getúlio Vargas. Em seguida produza uma reflexão a respeito das características comuns contidas em tais imagens sobre esse líder brasileiro.

2) Produza uma síntese destacando os princípios e elementos fundamentais contidos no movimento modernista da década de 1920.

²⁴ LEVINE, R. Pai dos pobres; O Brasil e a Era Vargas. São Paulo: Cia. das Letras, 2001, pp. 45-46.

